

VOLTEIOS DO TEMPO BRASILEIRO₁

por Bruno Carvalho



Na sessão da Câmara dos deputados de meados de abril de 2016, em que se deu o espetáculo midiático-político do impedimento de Dilma Rousseff, foi proferida uma declaração de voto a favor de cujo autor não me lembro, mas à qual penso ser fundamental dar destaque, pois talvez fale muito mais do que aquilo que foi dito e acaba sendo uma espécie de síntese. Às vezes, basta uma frase para explicar as razões latentes de certa ações. Pelo conjunto da obra.

Deslocada do seu contexto de premiações e comendas, essa frase expressa o quanto tudo que se pôde elencar de justificativa para o impeachment não passa de uma prestidigitação. Não foram pelos crimes de responsabilidade que podem constitucionalmente afastar um presidente, não foram pelas alegações formais alegadas, nem foi pela crise econômica (que para alguns, em um reducionismo economicista, foi o elemento detonador da instabilidade política), mas sim por tudo que o governo de Dilma tinha significado. Essa ideia expressa sobretudo uma rejeição em abstrato e de forma totalizante àquilo que os governos petistas realizaram, isto é, certa ojeriza à “obra” petista, in-

dependente de como esta seja qualificada. Fato é que também à esquerda essa ideia faz pensar, a “obra” petista há muito distanciou-se das expectativas de setores significativos da esquerda. É igualmente pelo não-cumprimento (para dizer o mínimo) de expectativas depositadas nos governos do PT em sua totalidade que muitos deixaram de apoiá-lo.

Parece ser já um truísmo, mas insisto, não temos no jogo institucional, isto é, no processo eleitoral, quase nenhuma expectativa. E isso em ambos os polos do espectro político: a descrença na política (2) nas instituições como maneira de construir uma nação (como se isso ainda fosse possível num mundo como o nosso, que outros já chamaram de “mundo em rede”) está presente tanto nas falas daquilo que se chamou de nova direita (veja-se o MBL, por ex. é uma expressão clara disso ou ainda um de seus Messias – o Jair –, que não titubeou em afirmar que “através do voto você não vai mudar nada nesse país, só quando partirmos para uma guerra civil”(3)) quanto na certeza de parcelas significativas de atores políticos à esquerda de que não se pode esperar nada (de bom) das instituições (a tática das ocupações de

terras, prédios, reitorias e escolas, bem como os black-blocs talvez possam ser compreendidas nessa chave.)

Essa ausência de alternativa que represente os interesses dos brasileiros não se dá porque “o país está dividido”, como tanto se alardeava logo após as eleições. Uma descoberta deveras inusitada, antes de tudo pela obviedade ancestral quando temos em mente a desigualdade social, mas também porque abriria espaço para a questão: o que propiciou a percepção social da divisão apenas depois da vitória apertada da Dilma? A quem interessava apenas depois do resultado das eleições de 2016 colocar na mesa qualquer sentido de divisão nacional? É bem verdade que o sentido primeiro aqui concerne ao âmbito político, trata-se de reclamar uma suposta ilegitimidade para o governo, uma vez que até as urnas registraram que a falta de unanimidade. Mas isso poderia levar a crer que a caracterização do Brasil como dividido seria apenas de interesse daqueles que perderam as eleições, como quem ameaça: nós perdemos, mas precisarão governar para nós também, não fomos derrotados. Por outro lado, é inegável que o resultado das eleições expressou uma cisão real, tanto assim que as tensões políticas conduziram até o impeachment. Nesse sentido, não haveria também o período do dito lulismo contribuído para a construção da ilusão de que um consenso de classe fosse possível no país? Ao que parece, parcela significativa da população brasileira (num cálculo aproximado, não se exageraria ao afirmar que mais de uma geração já não tem memória de vida do que seja esse país antes do governo petista) não consegue dimensionar realmente o que seja uma sociedade cindida; podem até viver na pele experiências de humilhação, saber muito bem o que seja desigualdade, mas viveram num contexto cultural e econômico no qual se disseminava a compreensão de que o Brasil entrava finalmente entrando nos trilhos, que sairia da condição de subdesenvolvido e ingressaria como um país amadurecido no cenário internacional. Em poucas palavras, a desigualdade social aparecia escamoteada sob discursos de conciliação, e agora a cisão política do país expõe, de maneira mais direta, essa cisão social primordial.

Não é preciso, todavia, muito esforço para lembrarmos que o Brasil é, na verdade, fruto de uma cisão; e isso em inúmeros sentidos. Pensemos, antes de qualquer outro, no sentido territorial, naquela partilha da América feita pelos colonizadores (traçado de Tordesilhas) e dos inúmeros matizes de divisões sociais que o constituíram: aqui era propriedade formalmente dos portugueses e território dos nativos. Com a enorme extensão de terras que os portugueses abocanharam se impôs o problema,

1 - O texto a seguir é de uma nota mental, algo entre uma crônica política e um mero registro histórico. Foi escrito no dia 12 de maio de 2016, quase um mês depois dos dias da votação, 15 a 17 de abril e agora revisado e ampliado para a publicação na Revista Campo Aberto.

2 - Segundo pesquisa realizada pelo Ibope em 2015, há um Índice de Confiança Social que registra o descrédito generalizado em relação às instituições políticas (<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2015/07/31/confianca-na-politica-desaba-em-2015.htm>), mas, convenhamos, não é raro ouvir nos mais diferentes espaços a ideia de que “todo político é corrupto”, o que expressa uma sensação generalizada de que, por mais políticas sociais que houvessem, “cada um se vira como pode”.

3 - Essa afirmação é literal, consta em uma entrevista televisiva concedida ao programa da entrevista à TV Câmara do Rio de Janeiro, que creio não ser de difícil acesso pela internet. Para uma análise minuciosa de trechos dessa entrevista, conferir o texto de Priscila Figueiredo: Ouvir Bolsonaro? Disponível em: <http://outraspalavras.net/brasil/ouvir-bolsonaro/>

4 - <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/05/03/O-que-%C3%A9-o-Nuit-Debout-movimento-de-rua-que-pretende-revolucionar-a-pol%C3%ADtica-na-Fran%C3%A7a>

5 - <https://dicionarioegramatica.com.br/2016/05/02/presidenta-e-mais-antigo-e-tradicional-em-portugues-do-que-a-presidente/>

nado neste país. Não há mais uma crença profunda nas possibilidades de representação política e isso no mundo inteiro, seus limites foram gritados pelas ruas nas diversas manifestações da mais recente primavera política. Mas, num país como o nosso, essa crise não é vivida como tal, isto é, com todas as contradições e dilemas políticos que comportaria no cenário político, com discussões para a decisão democrática das formas de lidar com a crise; na verdade, as consequências da crise, o óbvio arrocho, são impostas pela violência.

Isso retoma um projeto de sociedade bem tupiniquim, no qual, em última instância, “tudo bem morrer alguns inocentes”, como declarou em 2009 o deputado Messias, que recentemente declarou voto pelo afastamento da presidenta dedicando-o àquele que a fez sofrer sob tortura. É devido a essa imagem de país que não faz questão nenhuma de integrar sua sociedade que a mídia internacional (6) vem insistindo em retomar termos como “república das bananas” para descrever o Brasil. Portanto, é em nome desse “conjunto da obra” que muitos votos pelo impedimento foram proferidos.

6 - <http://www.dw.com/pt-br/imprensa-alem-%C3%A3-v%C3%AA-derrota-e-declara-%C3%A7o-de-fal%C3%Ancia-de-um-pa%C3%ADs/a-19251950>

que aliás permaneceu durante toda a história do país, de como expandir a colonização para além das zonas litorâneas, interiorizando então a posse real das terras.

E esperneiem o quanto quiserem, mas só o lulismo deu alguns passos em direção a outra realidade de superação real da miséria e passos para atenuar as desigualdades e todos sabem que vem muito disso a projeção internacional que o país teve com a figura do Lula. É certo, porém, que se que o lulismo não foi o primeiro projeto desenvolvimentista de país (se o mais relevante pela dimensão nacionalista e pela amplitude do projeto foi o governo Vargas, o governo JK talvez seja o momento com marcas as mais simbólicas, como a construção de uma nova capital), talvez não se exagere em apresentá-lo como último herdeiro de uma ambição desse jaez. Mas um governo que colocasse como prioridade a erradicação da miséria e conseguisse de fato algum arranjo com as forças sociais que permitisse a execução das políticas sociais, isso me parece algo novo, sobretudo, realizado com processos políticos muito mais participativos em comparação com qualquer outro na história do país. Sem deixar de dar seguimento a vários elementos de políticas neoliberais, as políticas sociais do lulismo se tornaram paradigma internacional de gestão da pobreza, bem como das ditas vulnerabilidades sociais e das bancárias.

A descrença e o enorme distanciamento da população em relação à política também não são novidade se lembrarmos que um traço constante dessa tradição desenvolvimentista é o autoritarismo. Eis aqui um curto-circuito assustador que precisa ser sublinhado, pois a história do PT não deveria se acomodar muito bem a essa herança – mas ao que parece, o leito de Procusto foi construído e a democracia participativa desposa elementos autoritários de outras linhagens da formação nacional. De sorte que a mencionada cisão social no Brasil não se funda também na suposta crise econômica da crise política: se há uma crise, ela é mundial. Como demonstra inequivocamente as primaveras de 2013, e mais recentemente o “Nuit-Debout (4)” parisiense.

O que me parece se explicitar-se – ressalvas feitas ao fato de que o afastamento da presidenta (5) (pra quem não aprendeu nos seis anos de governo dela, há, sim, essa flexão de gênero que os jornais fazem questão de não adotar para lhe mostrar resistência; se alguma crítica é possível, é a de pedantismo, pois se trata de um arcaísmo) não deixa de ter certa carga simbólica de rompimento com tudo que o PT representou de bom (ou não) –, é a falência da expectativa de que o fosso inevitável entre as instituições e os indivíduos possa ser realmente gover-

É por todo esse passado que insiste em se fazer presente que pretendi registrar sobretudo o oxímoro de experiência de tempo que este país há tempos oferece. A sensação de volta ao passado, de repetição ou, pelo menos, certo déjà vu, é generalizada. Chamou-me a atenção, em primeiro lugar, o resgate, nas redes sociais, nas semanas seguintes à decisão na Câmara a obra de Wesley Duke Lee (7), artista brasileiro cuja obra produzida durante a ditadura não deixa de registrar os volteios temporais em tela aqui neste texto. Na época do lema “Brasil – Ame-o ou deixe-o”, o artista se vale do design da propaganda oficial para sobrepor os dizeres “Brasil: hoje é sempre ontem” e, com isso, registrar, inclusive formalmente, as sinuosidades e máculas da história brasileira.



Destaco, em seguida, charge atribuída a Millôr, mais uma figuração dessas inversões temporais. Um homem de meia-idade, com um relógio que se destaca no pulso, brinca com a areia que lhe escorre das mãos, remetendo a uma ampulheta. Abaixo os dizeres: “O Brasil tem um enorme passado pela frente”. Uma missão? Um obstáculo a ser superado? Certamente não uma reiteração da ideia de que o Brasil se realiza no futuro.



“O Brasil tem um enorme passado pela frente”

7 - A imagem foi retirada desse blog: <http://arteseMLEI.blogspot.com.br/2010/10/hoje-e-sempre-ontem-wesley-duke-lee.html>

8 - Para algumas informações, conferir: <http://www.dw.com/pt-br/revivendo-o-pa%C3%ADs-do-futuro-de-stefan-zweig/a-4210755>

A propósito desses rodopios temporais, não custa lembrar que se trata do país sobre o qual tanto pesa o fardo de ser aquele que, desde seu “descobrimento”, se imaginava ser um paraíso na Terra, conforme já explicita o título do interessantíssimo livro do pai do Chico Visão do Paraíso. Expectativa que é reformulada infinitamente... desde o lema imemorial “Brasil, país do futuro”(8) (que chegou a figurar como título de livro de um austríaco que morou no Rio na década de 30, Stefan Zweig), até os slogans de JK, que não conseguem realizar o ufanismo progressista pretendido na compressão temporal “Cinquenta anos em cinco”. (Não posso, porém, deixar de registrar que a experiência de tempo que o “novo tempo do mundo” propicia – conforme análise de Paulo Arantes propõe em âmbito mundial –, isto é, a de uma perenidade indefinida do presente, tem alguma proximidade com o que o Brasil oferece... Estamos na vanguarda?)

Àqueles que acreditaram na possibilidade de que a geração de jovens, sobretudo negros (para os quais o sonho de ascensão social se limitava ao futebol e à carreira daquilo que nas TV's se chama de "artistas") que ingressaram na universidade, pública e particular, por meio das políticas sociais do lulismo, pudesse, com um olhar retrospectivo, rever a história do país, o fim violento do governo lulista pode soar como um golpe no sonho utópico sempre adiado de um país integrado socialmente. Aos que até gostariam de acreditar na possibilidade de que esses jovens viessem a resistir e a demandar a consolidação do pouco a que tiveram acesso, mas também não conseguiram fechar os olhos para os desastres sociais das políticas que reabilitaram (ao menos o imaginário) desenvolvimentista e, como tal o individualismo empreendedor, nem se furtaram a denunciar as contradições que marcaram inclusive as políticas sociais mais elogiadas do lulismo, para esses, o Brasil do PT talvez não traga saudades, mas certamente vão, junto com os primeiros, sofrer nas costas as bordoadas das políticas do ministro da Justiça (com ascensão meteórica para o STF), já apelidado muito adequadamente de pit-bull(9), bem como padecer da temerária verve reformista agora inevitável.

Por aí se pode compreender que o slogan de governo pensado durante o período de conspiração, "ponte para o futuro", se conduz para algum lugar é para o passado. Tanto assim é que, com alguma coerência sugerida pelo marqueteiro(10), foi mudado para "Ordem e Progresso", lema positivista de nossa bandeira que retoma a frase de Comte: "O amor por princípio, a ordem por base, e o progresso por fim" e, como alguns(11) já bem notaram e outros quiseram quixotesicamente(12) recuperar: o amor ficou p'ra trás. Com isso tudo, em mais um sentido se configura um aborto - do que exatamente também não sabemos.

9- Ver a matéria do Valor Econômico: <http://www.valor.com.br/politica/4558727/alexandre-de-moraes-o-pit-bull-de-temer>

10 - <http://m.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2016/05/1770509-slogan-do-governo-temer-sera-ordem-e-progresso.shtml>

11 - Aqui aludo a um funcionário do senado que desenha com o aspirador de pó a bandeira nacional e, como que numa revolta, resolve não mais decalcar o lema nacional. Ver a notícia: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2015/12/21/no-senado-a-bandeira-sem-ordem-e-progresso.htm>

12 - Aqui a referência é a nosso eterno Quixote, o senador Suplicy que já propôs incorporar o "amor" no lema de nossa bandeira.